

DESCOBERTA NO CIMENTO ANTIGO

SOB O REBOCO DO BLOCO C DA 108 SUL, OPERÁRIOS ENCONTRAM DESENHOS DE 40 ANOS ATRÁS

Texto Newton Araújo Jr.
Fotos Zuleika de Souza
Da equipe do Correio

A História espreitava, à espera de uma oportunidade. Estava ali o tempo todo. Afinal, foi na 108 Sul que se iniciou a construção dos primeiríssimos blocos residenciais da nova capital.

No bloco ali ao lado, no H ou no J, foi celebrado com festa o término do primeiro prédio de apartamentos.

Quando os condôminos do Bloco C da Superquadra 108 Sul do Plano Piloto resolveram fazer uma reforma completa na fachada e estruturas do prédio onde moram, eles não imaginavam que estariam escavando parte da história de Brasília. Como arqueólogos da atualidade, os peões de hoje foram buscar a vidinha de pequenos gestos e muito trabalho dos peões de ontem.

Riscados no concreto: Bartolomeu, Bigode, paraibinhas. E muitos outros nomes que se perderam nesses 40 anos de curta história de Brasília. Um céu de estrelas, muitos caubóis, índios, xerifes, vacas, pássaros, aviões, símbolos eróticos. Uma prece a Deus. Imagens redescobertas pelo acaso.

Signos ingênuos que lembram a epopéia da construção no meio do nada de uma cidade inteira. Naqueles rabiscos, um mundo de esperanças e sonhos para uma multidão de gente simples. Operários, peões de construção. Candangos. As marcas que o tempo manteve sob camadas de argamassa e que revivem inesperadamente.

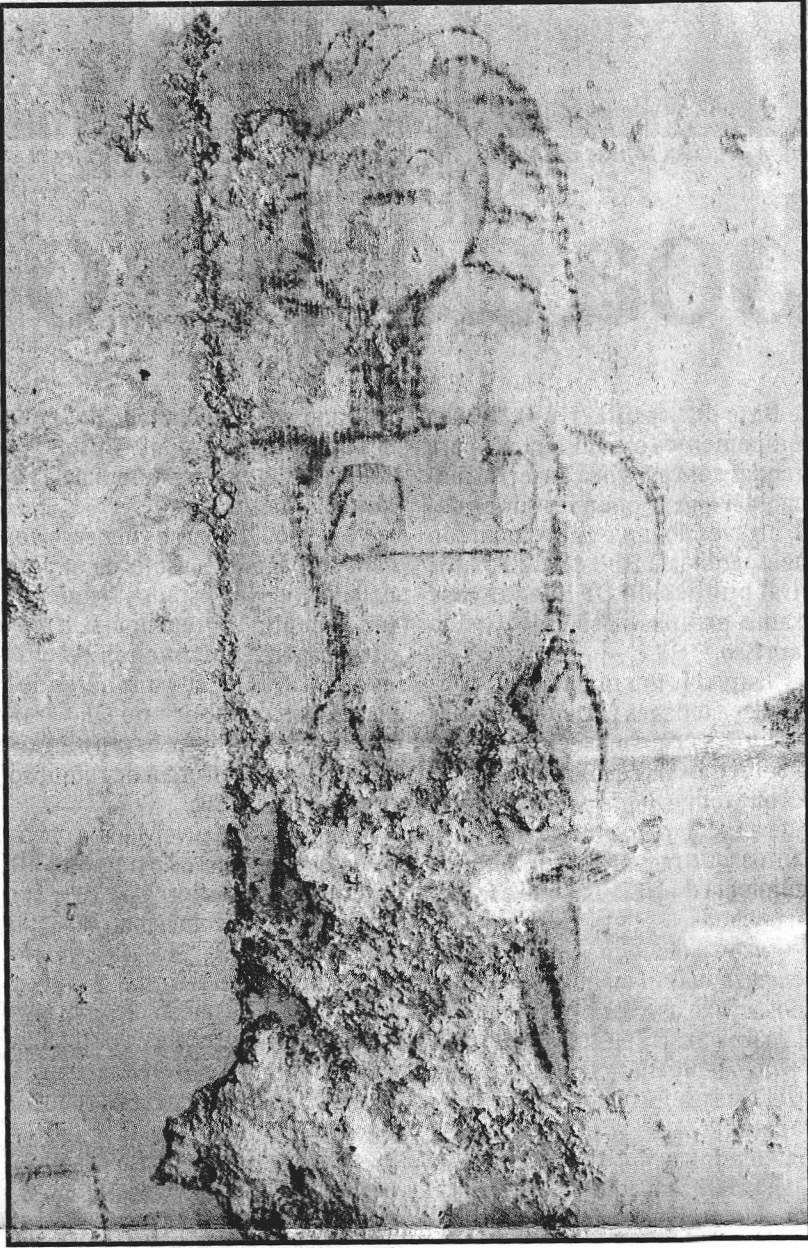
As figuras, nomes e datas estavam firmes nos pilotis do bloco. Apesar da fragilidade dos materiais que foram usados para inscrevê-las no concreto: giz, carvão, lápis de grafite e vermelho, desses usados por pedreiros para marcar fases das obras. Estava tudo ali, à mão.

Um alguém anônimo ou vários — (Bartolomeu, Bigode, algum dos paraibinhas?) —, que nunca imaginaria que sua arte ingênua ecoaria mais de 40 anos depois, se deixou levar pelas emoções, pelo bom humor, pela paixão aos filmes de faroeste, pela saudade de casa, pelo amor de uma mulher.

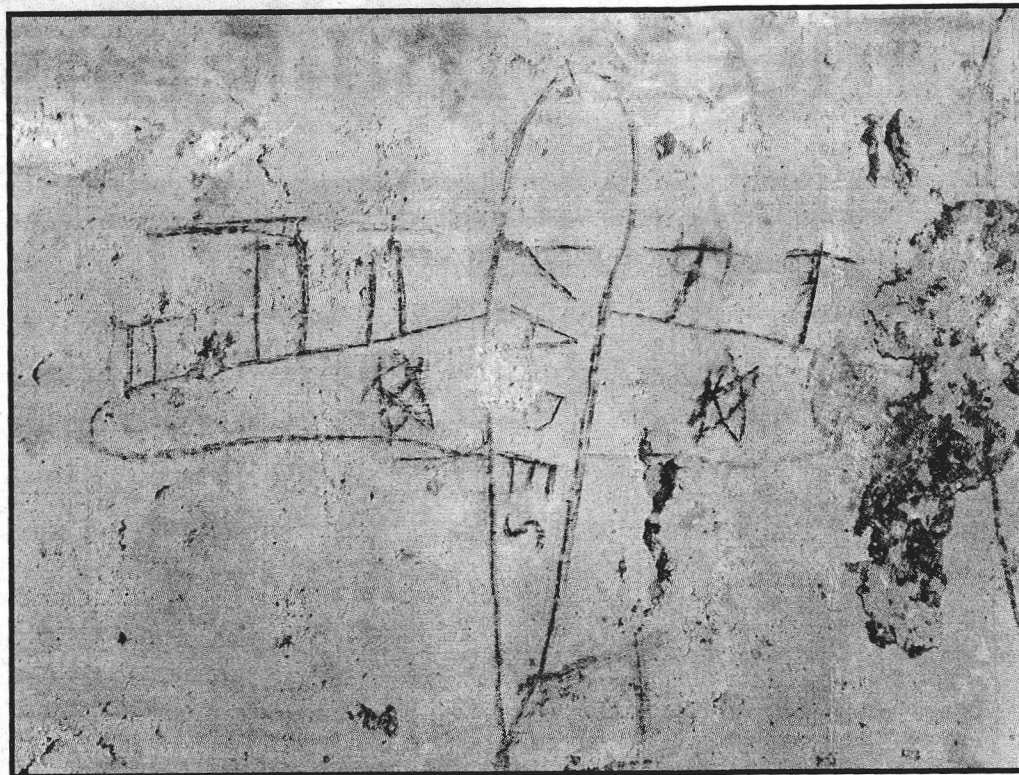
Ou movido pelo desejo não satisfeito ou a satisfazer num dos bordéis da Placa da Mercedes, o ponto da Cidade Livre que reunia as mulheres de difícil vida fácil. “Nos fins de semana”, conta o historiador Adirson Vasconcelos, “os operários chegavam a fazer fila para ser atendidos.”

Como os heróis da expansão do território americano, poderiam também se sentir desbravadores do Oeste brasileiro. Num dos pilotis, há claramente a palavra “Bandeirante”. Poderia ser assim que se sentiam os candangos. Os novos bandeirantes a rasgar no meio do cerrado o desenho de um país.

Ao deixar no concreto o nome de suas cidades de origem, o candango encontrava ali uma forma de matar as saudades da terrinha que deixou para trás, em busca do sonho de prosperidade. Maranhão, Paraíba, Ceará marcam o concreto.



A mulher de cabelos longos e seios desenhados, o homem de chapéu, o avião com estrelas e um homem com a inscrição 'Paraibinhas': desenhos feitos à mão com giz, carvão, lápis de grafite e vermelho. Céu de estrelas, caubóis, índios, xerifes, vacas, pássaros, aviões, símbolos eróticos desenhados, quando da construção de um dos blocos de um das quadras modelo da capital desenhada por Lucio Costa



Quando a cidade começou a ser erguida, não foi muito fácil conseguir operários dispostos a se meter no meio do nada. “Mas aconteceu uma seca terrível no Nordeste, e muitos vieram em paus-de-arara para construir a capital”, lembra o historiador Adirson. A cidade foi, em sua maior parte, construída com o suor dos nordestinos.

“Minha querida São Luís”, grita do passado o rabisco na parede. Lida hoje, a inscrição quase evoca o soluço do maranhense a lembrar da cidade da infância.

DESENHO ORIGINAL

A História ganha outros contornos, quando vista por olhos mais técnicos (e mais políticos). Para os urbanistas e arquitetos de hoje, a construção das quadras 108, 308, 107 e 307 Sul marcou a concretização do que no conceito do arquiteto

Lúcio Costa, o responsável pelo desenho da cidade, ficou conhecido como Unidade de Vizinhança. E isso aconteceu somente no conjunto dessas quatro quadras.

“A superquadra é a célula mater do Plano Piloto”, ressalta o arquiteto Silvio Cavalcanti, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). “Sozinha, a superquadra é uma pétala tirada de um trevo de quatro folhas”, emenda o professor de arquitetura Cláudio Queiroz, da UnB.

A reunião das quatro superquadras pressupunha um pequeno universo com todos os equipamentos urbanos. Esse universo incluía o Jardim de Infância, a Escola Classe, a Escola Parque, Posto de Saúde, Posto de Abastecimento (antiga SAB), Delegacia de Polícia, Correios e a área de lazer com o Cine Brasília num extremo, a biblioteca

no meio e o cine Cultura (na W3) no outro. E o clube da Unidade de Vizinhança. Para o lazer imediato.

E o local de culto, a igreja de Nossa Senhora de Fátima. Con-

to de confluência e de passagem, o comércio local”, acrescenta Cláudio Queiroz. No original, o comércio local era voltado para dentro da quadra.

“Brasília, como invenção, tem coisas que passou a funcionar da forma tradicional”, diz Queiroz, se referindo ao comércio, que passou a ser voltado para a via externa à quadra.

O desenho de Brasília é paixão total dos arquitetos que moram aqui. “Quantas cidades no mundo foram feitas nesse século onde não existia nada antes?”, pergunta Queiroz. Para chegar à conclusão que o Brasil “tem

prática fantástica de fazer cidades do nada”.

O conceito da Unidade de Vizinhança, segundo os arquitetos, não foi incentivado. “Pelo seu potencial revolucionário, pois o encadeamento das quadras, com os equipamentos culturais e sociais, favorece a articulação comunitária”, explica Cláudio Queiroz.

O mesmo pilotis, que abriga os desenhos dos candangos, ganha outra interpretação no olhar do arquiteto. Para Queiroz, “os pilotis são uma revolução no estatuto da propriedade privada. Não é de ninguém. É público. O chão das superquadras não pertence aos proprietários dos apartamentos”.

E ao juntar desde a sua construção pessoas de todas as partes do Brasil, diz Cláudio, “Brasília tornou-se a expressão estética de um povo que se inventou”.

Dr. Brasília
029
Reportagem 0014